250$00 • Nº 853
21 a 27 de Dezembro de 1994

SEZE

Cheques DESCONTO pág. 50

GUIA
48 PÁGINAS EXTRA
CINEMA, MÚSICA, TV
EXPOSIÇÕES & NOITES

VÍTOR BAÍA

DRAGÃO DE FERRO

O VAMPIRO BRAD PITT

A RAINHA ISABELLE ADJANI

AS MANOBRAS DE INVERNO

AS PRENDAS DA MULHER DO SENHOR MINISTRO

5603199000339 35594

CRANBERRIES

DA RAIVA AO SUSPIRO

Tudo confirmado ao segundo disco, para os irlandeses Cranberries. *No Need To Argue* insiste na guitarra, nas emoções, nas ideias fortes. E na voz de Dolores O'Riordan

Foi morena e discreta, passou a loura e exuberante. Dispôs-se a assumir o papel de estrela pop, «o que for preciso». Mas estas transformações não chegam para mudar a linguagem e as ideias da irlandesa Dolores O'Riordan. Primeira prova: «Estou-me nas tintas para os que só conseguem pensar e agir em função de serem protestantes ou católicos. Não me importo se se trata da Inglaterra ou da Irlanda. Ao fim de cada dia, o que me importa é o facto de se estarem a matar pessoas inocentes. Foi isso que me levou a escrever a canção, não o facto de ser irlandesa. Confesso que nunca pensei escrever uma canção assim, sempre achei que me ia trazer problemas. Afinal...» O tema em questão é *Zombie*, o primeiro single da época 94 dos Cranberries, avançado relativamente ao álbum *No Need To Argue*.

Precisamente, o disco que já começou a servir de prova definitiva ao grupo irlandês que a América adoptou e projectou, comprando mais de dois milhões de cópias de *Everybody Else Is Doin' It, So Why Can't We?*, álbum de estreia do grupo com senhora, desprezado pela Europa anglófona até se perceber que, com Dolores, tinha nascido uma séria concorrente a Sinead O'Connor, Harriet Wheeler (Sundays) e Elizabeth Fraser (Cocteau Twins). Depois, aos poucos, foi-se recuperando o potencial de canções como *Pretty*, *Dreams*, *Not Sorry* ou, sobretudo, *Linger*, todas produzidas pelo maestro Stephen Street, já responsável por igual tarefa em registos dos Smiths, de Stephen Patrick Morrissey ou dos Durutti Column. De repente, feitas as contas, conclui-se que os resultados de *Everybody...* colocam os Cranberries como o grupo irlandês que mais vendeu de um disco de estreia. A única reacção, perante este dado significativo, é do guitarrista Noel Hogan: «Isso quer dizer o quê? Que temos direito a figurar no *Guinness Book of Records*? Vamos ter de estar atentos...»

Indesmentível é a mudança na vida dos Cranberries. Por exemplo, eles foram chamados a abrir o segundo dia do remake de Woodstock, escapando por um triz à chuva diluviana que arrastou o festival para a lama. Dolores arranjou tempo para se casar — com Don Burton, nada mais nada menos que o tour manager dos Duran Duran. O grupo foi convidado (e aceitou, «pelo gozo») protagonizar uma produção de moda da *Rolling Stone* e Dolores bateu os Massive Attack, os Blur, Jamiroquai e até a reunião Zeppelin na disputa pela capa da *Vox* de Novembro. Há pouco mais de um mês, os consumidores londrinos esperavam ansiosamente as sessões de autógrafos dos Cranberries. Mas, travões afinados, é preciso impedir que este salto prodigioso lhes suba à cabeça. Fala Fergal Lawler, o baterista: «Há uma série de bandas, muitas delas na zona de Dublin, que fizeram um álbum que não chegou a lado nenhum mas cujos músicos se passeiam com botinhas de cowboy, calças de couro e óculos escuros, mesmo dentro de casa, às cabeçadas nas paredes. Odeio isso, esse género de estrelato, sinceramente. Connosco, é improvável que aconteça algo de semelhante.»

FOME E FAMÍLIA

Para já, fica a certeza da completa superação do sindroma do segundo álbum, uma vez que *No Need To Argue* pega nas melhores pistas do seu antecessor e as desenvolve, salientando o entendimento entre O'Riordan e Hogan, a dupla de criativos, abrindo espaços para que se evite aos Cranberries o penoso destino dos meteoros de um só disco. Muitas vezes, os temas são indesmentivelmente escritos de um ponto de vista pessoal, a começar na faixa de abertura, uma irónica e amarga *Ode To My Family*, sobre o apoio do clã, a necessidade de libertação, o confronto com a actual exposição pública e um passado despreocupado. As memórias de Dolores, em discurso directo: «Saí de casa aos 18 anos porque queria cantar. Os meus pais queriam que eu seguisse para a universidade, que fizesse o percurso habitual. Durante cerca de ano e meio, eu fui realmente pobre — lembro-me de alturas em que tive fome, em que quase daria a vida por um pacote de batatas fritas. Foi nessa altura que me juntei ao grupo. Queria viver na cidade, queria endurecer como mulher. Sabia que se continuasse em casa, a única hipótese, como mulher, que teria de sair, seria o casamento, aquele ritual católico todo. Por isso, fiz a minha fuga para a frente.»

Talvez com algum desgosto para a família. Mas com nítidas vantagens para todos nós que, de outra forma, dificilmente chegaríamos a conhecer esta Dolores O'Riordan que muda de pose e de penteado, mas que teima em ter ideias. E uma voz inteira, da raiva ao suspiro.

JOÃO GOBERN